

O espírito da cultura sob o signo do capital

Resenha de MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 (O espírito do tempo, v. 1).

Pietro Henrique Fernandes Delallibera Sant'Anna*

Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, é um pensador francês sefardita, de descendência espanhola, nascido em 8 de julho de 1921. Formado em Direito, História e Geografia, Morin é dono de uma trajetória intelectual rica e diversificada, relacionada a áreas como Sociologia e, principalmente, Filosofia e Epistemologia. Sua atuação política é igualmente notável, com participações em movimentos estudantis de reação a Guerra Civil Espanhola (entre 1936 e 1937) e a iminência da Segunda Guerra Mundial (em 1938). Com a eclosão deste conflito, o escritor judeu e comunista viveu um período de clandestinidade, no qual adotou seu pseudônimo e engajou-se no Partido Comunista e na Resistência Francesa a ocupação alemã do país.

Em *Cultura de massas no século XX*, Morin analisa o percurso de ascensão voraz e posterior crise desse novo tipo de manifestação cultural nas décadas de 1960 e 1970, período no qual o trabalho foi escrito.

A obra em questão, o primeiro de dois volumes intitulados *Neurose* e *Necrose*, foi redigida entre 1960 e 1961, e publicada um ano depois, concentrando-se na formação e nas principais características da cultura de massas.

Morin pretende muito mais captar impressões e interpretar um processo ainda inacabado – vivido pelo próprio autor – do que analisar com suficiente distanciamento as problemáticas postas em tela. No entanto, o transparecer consciente de subjetividade não ofusca a originalidade da obra ou a validade de vários de seus apontamentos: pelo contrário, a aplicação ao longo do texto do chamado “método autocrítico”, classificado por Morin como um questionamento lançado aos intelectuais e apreciadores da ‘alta cultura’ (o

* Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Membro do módulo de pesquisa “Intolerância e Guerra no mundo contemporâneo”, da linha de pesquisa “Lugares da Intolerância” (LEI-USP / Universidade Cruzeiro do Sul / CNPq) e membro da linha de pesquisa “Economia, guerra e ideologia no mundo contemporâneo”, do Grupo de pesquisa “História e economia mundial contemporâneas” (USP / CNPq). [Contato: pietrohd@gmail.com](mailto:pietrohd@gmail.com)

que inclui o próprio autor), livra a obra de maniqueísmos simplistas entre culturas 'elevadas' e 'de massas', vigentes em boa parte das análises produzidas no período.¹

Morin divide seu trabalho em duas partes: na primeira, constrói um panorama das movimentações que explicam o surgimento e a disseminação da cultura de massa no período abordado, bem como define suas características gerais; na segunda, avalia o impacto dessas transformações sobre o ideário coletivo contemporâneo, por meio da observação de algumas manifestações específicas.

Sendo assim, seus apontamentos iniciais focalizam a virada do século XIX para o XX, quando ocorre, de acordo o esquema interpretativo proposto, a primeira etapa da ascensão da cultura de massas: a chamada primeira colonização, ou seja, a divisão imperialista da África e da Ásia pelas potências ocidentais. Esse fenômeno, ligado a inserção da indústria pesada e dos transportes nestes países e a sua inclusão no comércio internacional, criou as condições necessárias para uma segunda colonização, ocorrida após o término da Segunda Guerra Mundial, pela qual todo um aparato de divulgação de informação – o rádio, a imprensa escrita, as películas cinematográficas, os meios de transportes mais ágeis – se disseminaram pelo globo em escala nunca antes vista.²

Por fim, o autor identifica a evolução silenciosa de um terceiro tipo de colonização, capitaneada pelos EUA e que se operou no seio dessa expansão dos instrumentos de comunicação: a chamada “colonização do espírito”, viabilizada pela divulgação de costumes, modos de vida, universos simbólicos e valores morais. Essa terceira cultura – desenvolvida em paralelo as culturas clássica (religiosa ou humanística) e estatal, mas influenciando e sendo influenciada por elas – é produzida por um aparato denominado genericamente de ‘indústria cultural’.

A criação dos bens intangíveis oriundos dessa indústria é regida pela mesma lógica burocrática e hierarquizada que origina quaisquer outros produtos, o que substitui a função do ‘autor’ por um vulgar processo técnico-industrial; da mesma maneira, essa produção é orientada pelas leis e demandas do mercado, principal vetor da concepção das

¹ O sociólogo americano Harold Wilensky elabora, em texto contemporâneo ao de Morin, definições que exemplificam este tipo de definição estanque a que nos referimos. Veja-se o item “Cultura de massa e a alta cultura” em WILENSKY, Harold L. Sociedade de massa e cultura de massa. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional / USP, 1971, p. 261-262.

² Eric Hobsbawm explicita a íntima relação entre a criação do aparato tecnológico que possibilitou a “segunda colonização” e a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, que, em sua configuração de “guerra total”, conseguiu mobilizar todos os segmentos da sociedade de seu tempo. Ver, em especial, “A era da guerra total” In: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos*. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 29-60.

obras/mercadorias. Logo, o comportamento da indústria cultural está apoiado na busca pelo máximo lucro, o que naturalmente leva a tentativa de cooptação do maior público possível. Isso se dá, segundo Morin, por meio de dois mecanismos complementares.

O primeiro consiste na busca por diferentes grupos de consumidores, o que imputa notável sincretismo a criação dos bens intangíveis: o surgimento de setores da produção cultural voltados exclusivamente a públicos-alvos outrora ignorados, como o feminino, o idoso ou o infantil, são sintomas dessa procura.

O segundo, mais cuidadosamente analisado, consiste na produção de mercadorias que sejam aceitas pela maior quantidade possível de pessoas. Logo, a indústria cultural se atém aos aspectos mais fundamentais do homem, como a resposta rápida as imagens, o gosto pelo lúdico e pelo jogo, a curiosidade. Seu tipo fundamental de comunicação é o espetáculo, seu veículo principal é o audiovisual, e sua produção está essencialmente centrada em uma “cultura do lazer”, oriunda de manifestações artísticas como o romance burguês moderno (marcado pela identificação do leitor com os conflitos das personagens) e o romance popular (de temas comumente apelativos).

Define-se, assim, a chamada “dialética da projeção-identificação”, categoria cunhada pelo autor que desempenha papel central no estudo em tela. Ela consiste no mais importante mecanismo da busca pelo ‘homem médio’ ideal: a indústria cultural capta os anseios da massa e os projeta de volta, na forma de bens adequados ao conhecimento intelectual e artístico médio do público. Uma profunda identificação é gerada entre o consumidor e aquilo que Morin classifica como *sósias*, ou seja, as representações artificiais que mantêm algum vínculo com a realidade das massas e sintetizam suas aspirações e recalcamientos, arrancando-as momentaneamente das incômodas tensões da realidade social. O jogo dialético se desenvolve na medida em que o consumo, enquanto determinante da produção dos bens culturais, é também determinado pelos valores intangíveis veiculados pela indústria da cultura.

Amparado por esse panorama genérico e teórico, o autor passa a analisar, na segunda etapa da obra, as manifestações concretas destes fenômenos, e, mais que isso, ele elabora um diagnóstico cauteloso do estado geral da cultura de massa na segunda metade do século XX, indicando de forma conscientemente embrionária a direção para a qual todo este processo histórico apontava.

A obra apresenta estudos inspirados sobre a introdução dos valores veiculados pela cultura de massa no âmbito do privado, sobre os mitos do amor, da felicidade, do *happy end* cinematográfico e das celebridades olímpicas, sobre a gradativa acentuação da erotização e da violência no repertório cultural coletivo, sobre a presença cada vez maior do imaginário

– elemento mais atrativo – nos espaços da informação (imprensa) e da política, e sobre a ‘juvenilização’ da sociedade, conduzida pela veiculação de uma cultura que, na busca pela mídia, representa e se comunica majoritariamente com o público jovem.

Com evidente maestria, o texto não deixa de estabelecer vínculos entre o esquema interpretativo abstrato, desenvolvido genericamente na primeira parte do trabalho, e as manifestações culturais concretamente analisadas nessa segunda etapa, evidenciando que há uma coerente transição das complexas elaborações teóricas para as observações mais elementares sobre a interação cultural entre os indivíduos. Morin demonstra, assim, notável percepção acerca dos processos históricos em curso nas décadas de 1960 e 1970, além de apresentar análises que ainda hoje possuem significativa validade.

Seu equívoco está, a nosso ver, na forma como concebe a interação entre a indústria cultural e as massas receptoras das obras/mercadorias, mais especificamente, na maneira como desenvolve o tema da *coerção* ao longo do texto.

O assunto aparece, de maneira geral, na periferia das análises de Morin, ocupando papel secundário nas relações sociais focalizadas pela obra. Por exemplo: no espaço das considerações finais, o autor opta por não inserir a questão da alienação no cerne de suas reflexões, no entanto, se pensarmos em problemáticas como a da consciência de classe – definida pelo húngaro Georg Lukács como a capacidade de visualizar “a sociedade como uma totalidade concreta, o sistema de produção em um determinado ponto da história e a resultante divisão da sociedade em classes”³ – veremos que há um evidente componente alienante na cultura de massas, na medida em que ela se empenha em eliminar a percepção do indivíduo acerca das tensões sociais vigentes, criando cômodos simulacros de realidade. Essas noções já estão presentes na própria análise do pensador francês. A questão é que, ao focalizar a dimensão coercitiva da indústria cultural, Morin não reconhece nisso um papel central para a compreensão da dinâmica da sociedade.

Nesse sentido, nossa crítica se aproxima dos posicionamentos adotados pelo grupo de pensadores da chamada Escola de Frankfurt. Em trabalho seminal, o alemão Theodore W. Adorno – que cunhou, em parceria com Max Horkheimer, a categoria *Indústria Cultural*⁴ – afirma que, em todos os ramos da produção massificada da cultura, são concebidos “mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e *que em grande medida determinam este consumo*” (grifo nosso).⁵

³ Ap. FETSCHER, Iring. Consciência de classe. In; BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 77.

⁴ O termo aparece pela primeira vez na obra *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, publicada originalmente em 1949.

⁵ ADORNO, Theodor W. A indústria cultura. In: COHN, Gabriel (org.). Op. cit. p. 287.

Ou seja, a busca pelo 'homem médio' ideal – exaustivamente analisada por Morin – também faz parte das preocupações do pensamento frankfurtiano. No entanto, no caso da escola alemã, o tema da *coerção* ocupa posição central na formulação dos modelos explicativos.

Com isso, queremos dizer que a existência de uma *dialética da projeção-identificação* – ou seja, de uma relação dinâmica e de mão dupla entre uma indústria da cultura e uma massa que não participa passivamente do processo de troca de informações – é perfeitamente verificável. Porém, esse mecanismo dialético opera movido por um equilíbrio de forças diferente do apresentado pelo pensador francês.

Já a natureza específica deste equilíbrio é uma questão indeterminada, o problema é controverso e sua resolução está distante. De toda maneira, o pensamento de Morin nos traz contribuições valiosas, originais e pioneiras, postas à luz de um debate teórico mais amplo, suas formulações podem indicar uma série de caminhos para a solução destes desafios com os quais, invariavelmente, temos todos que lidar.